



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

GEISY RODRIGUES FERREIRA

ÉDEN, ADÃO E EVA: O FLORESCER DA IDENTIDADE NARRATIVA NO
ÉPICO “PARAÍSO PERDIDO”, DE JOHN MILTON

MACAPÁ-AP

2023

GEISY RODRIGUES FERREIRA

**ÉDEN, ADÃO E EVA: O FLORESCER DA IDENTIDADE NARRATIVA NO
ÉPICO “PARAÍSO PERDIDO”, DE JOHN MILTON**

Artigo científico apresentado ao Curso de Graduação em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em Letras com habilitação em língua portuguesa e inglesa e suas respectivas literaturas.

Orientador(a): Prof^o. Dr^o. Marcos Paulo Torres Pereira

MACAPÁ-AP

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

F383 Ferreira, Geisy Rodrigues.

Éden, Adão e Eva: o florescer da identidade narrativa no épico "Paraíso Perdido", de John Milton / Geisy Rodrigues Ferreira. - Macapá, 2023.

1 recurso eletrônico. 37 folhas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Letras Português / Inglês, Macapá, 2023.

Orientador: Marcos Paulo Torres Pereira.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Paraíso Perdido. 2. Poema épico. 3. Identidade Narrativa. I. Pereira, Marcos Paulo Torres, orientador. II. Universidade Federal do Amapá . III. Título.

CDD 23. ed. – 420

FERREIRA, Geisy Rodrigues. **Éden, Adão e Eva: o florescer da identidade narrativa no épico "Paraíso Perdido", de John Milton**. Orientador: Marcos Paulo Torres Pereira. 2023. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Coordenação do Curso de Letras Português / Inglês. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023.

À Súpera Substância fortificante
do terreno do jardim da vida: *Deus*.

AGRADECIMENTOS

Registro os meus singelos agradecimentos às minhas irmãs e parceiras, Flávia e Thaís, amigas da Filosofia, cuja sabedoria compartilharam comigo no incentivo a regar as ideias em mim brotadas. A mim, por investir no seu cultivo, resistindo à passagem dos períodos de seca, tempestade e queda, até ver as sementes deste trabalho, no fim, florescerem.

A querida Dr^a. Rosilene Pelaes, professora das disciplinas iniciais do curso, Teoria Literária I e Teoria Literária II, nas noites em que estive com a nossa turma levando-nos a plantarmos nossas sementinhas do conhecimento, vê-las crescendo e nos tornamos maduros o suficiente para apreciarmos do néctar das melhores leituras.

Ao professor de literatura inglesa, Dr^o. Alvaro Vasques, pelos ensinamentos que ampliaram o horizonte de minha mente a contemplar as árvores e as estruturas frutíferas da língua inglesa em prosa e poesia, saboreando o gosto de palavra a palavra e provando dos efeitos poéticos de suas combinações em clássicos como: Paraíso Perdido.

E, ao grande mestre, professor Dr^o. Marcos Paulo, por aceitar ser meu orientador nesta jornada. Querido mentor que me encorajou a percorrer, ainda que temerosa e cambaleante, a longa estrada de descobertas, conhecimentos e muitos desafios, que jaz no campo da Literatura, no sentido de alçarmos juntos o nosso destino.

Também deixo os meus agradecimentos aos colegas da turma 2019.1 e professores(as), com quais cresci e desbravei o caminho de Letras, formando os meus arranjos, não fixos, mas sempre abertos a novos enlaçamentos. De todos(as), sempre me recordarei deixando cair pétalas dos meus olhos de intenso sentimento de nostalgia. Por tudo e por tanto, a vocês, dedico os mais belos girassóis e os versinhos em bilhete:

À falta de palavras no intento,
para todos, então,
soprou o vento:

**FORTE
UM ABRACO E GRATIDÃO!**

ÉDEN, ADÃO E EVA: O FLORESCER DA IDENTIDADE NARRATIVA NO ÉPICO “PARAÍSO PERDIDO”, DE JOHN MILTON

EDEN, ADAM AND EVE: THE BLOOM OF NARRATIVE IDENTITY IN THE EPIC “PARADISE LOST”, BY JOHN MILTON

Geisy Rodrigues Ferreira ¹

Prof.º. Dr.º. Marcos Paulo Torres Pereira²

Resumo: O propósito deste estudo é descrever o processo de construção identitária dos personagens Adão e Eva no espaço do Éden na obra Paraíso Perdido, do poeta inglês John Milton, demonstrando a importância da intriga para a constituição da identidade narrativa. Para isso, adotou-se a pesquisa de natureza qualitativa (Denzin e Lincoln, 2006) e de referência bibliográfica (Gil, 2016), seguida de análises e descrições interpretativas acerca do texto-objeto fundamentadas na base teórica selecionada. Neste artigo, foram considerados os postulados norteadores de Ramalho (2013, 2014), Gois (2016) e Sá (2010, 2014, 2016) para a caracterização do poema épico, as contribuições de Ricoeur (1991, 1994) e Mora (2018), no que tange ao estudo da tessitura da intriga e suas associações na formação da identidade narrativa, assumida a perspectiva ricoeuriana deste conceito. As conclusões chegadas evidenciam que a formação das identidades dos personagens é conduzida pelo fio condutor da intriga operada pelas ações, compreendidas sob contextos espaços-temporais, que revelam as verdadeiras raízes da constituição do si, que florescem em Adão e Eva no paraíso.

Palavras-chave: Paraíso Perdido. Poema Épico. Intriga. Identidade Narrativa. Literatura Inglesa

Abstract: The goal of this study is to describe the process of identitarian construction of the characters Adam and Eve in the space of Eden in the work Paradise Lost, of the English poet John Milton, demonstrating the importance of intrigue to the construction of narrative identity. For this, it was adopted research of qualitative nature (Denzin e Lincoln, 2006) and of bibliographical research (Gil, 2016), followed up by analyses and interpretative descriptions about the text-object grounded by the theoretical base selected. In this article, it was considered the guidelines postulates of Ramalho (2013, 2014), Gois (2016) e Sá (2010, 2014, 2016) for the characterization of the epic poem, the contributions of Ricoeur (1991, 1994) and Mora (2018), in what regards the tessitura of intrigue and its associations in the formation of the narrative identity, it was assumed the ricoeuriana perspective of this concept. The conclusion highlights that the formation of the identity of the characters are guided by the conduct cord of the intrigue operated by the actions, comprehended under space-time contexts, that reveal themselves the true roots of the constitution of the be that bloom in Adam and Eve in paradise.

Keywords: Paradise lost. Epic Poem. Intrigue. Narrative Identity. English Literature

¹Graduanda do 10º semestre do curso de Letras Português e Inglês e suas respectivas literaturas do colegiado de Letras do Departamento de Letras e Artes (DEPLA) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

² Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Professor de Literaturas em Língua Portuguesa do colegiado de Letras do Departamento de Letras e Artes (DEPLA) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

INTRODUÇÃO

O épico *Paraíso Perdido*, de John Milton, poeta aclamado da literatura inglesa, é um clássico de leitura obrigatória sobre o qual versam pesquisas de diferentes enfoques, haja vista que há um riquíssimo pano de fundo na obra que apresenta uma diversidade de aspectos a servirem de escopos para trabalhos variados a seu respeito. Assim, ao analisar algumas abordagens já feitas sobre o poema que narra a história de *A criação*, a respeito dos temas do heroísmo, noção de liberdade e disputas de poder, observou-se que há ainda o que se explorar sobre a temática da identidade, já discutida em “*Creation and the self in Paradise Lost*” (1962), de Charles Coffin, e “*Creation, Identity, and Relationships in Milton's Paradise Lost*” (2015), de Marissa Compton.

Ao tomar os textos citados por leitura, viu-se como oportuna a realização de um estudo analítico da construção das identidades narrativas dos personagens Adão e Eva na epopeia, seguindo a perspectiva ricoeuriana do conceito, de onde emergiram as perguntas norteadoras desta pesquisa, tais quais: de que maneira a narrativa edênica é estruturada na obra? Como é caracterizado o espaço do Jardim do Éden? Qual a importância da intriga para a construção da identidade narrativa de Adão e Eva no poema épico? Qual a essência das identidades do homem e da mulher edênicos na epopeia?

Com o objetivo de responder esses questionamentos, partiu-se de uma análise literária norteada pelo entendimento de *Paraíso Perdido* ser um poema épico que mantém um diálogo intertextual com o livro bíblico de Gênesis, mais precisamente, com seus capítulos iniciais, fonte inspiradora para a narrativa épica de Milton. No geral, o poema mantém a essência da narrativa criacionista, porém esta se trata de um foco narrativo situado por detrás de um ainda maior; o confronto Céu e Inferno, mantido entre Deus e Satã. Desse modo, por obra daquele, Adão e Eva serão levados ao Paraíso e, por influência desse, serão expulsos dele e, em torno disso, a narrativa se corporifica.

Na epopeia, o Jardim do Éden se apresenta como um exuberante cenário paisagístico, tido como primeiro *habitat* humano, engendrado por Deus, cujos ambiente, clima e os recursos naturais tornaram-no um lugar próprio para abrigar o casal edênico, atingindo o pleno significado de sua idealização. Logo, pela inter-relação entre espaço e personagem, entende-se que o estudo desses, se partido do Éden vai ao encontro de Adão e Eva, se partido do Casal, tende a se encaminhar até o Jardim, porque ambos se encontram estreitamente ligados um ao outro pela narrativa em torno de sua história e pelas motivações por trás de suas criações, que se coadunam numa só: *o habitar*.

Acerca do espaço do Paraíso, levando em consideração o aspecto social, o Jardim é, conforme a narrativa, o primeiro lugar onde são desenvolvidas as ações humanas, tomadas dentro dos limites de desejos, necessidades e possibilidades, uma vez que o casal habitante desenvolve atividades técnicas, laborais e domésticas, além das práticas de fé. Dessa forma, desenvolvem juntos as suas maneiras de interagir coletiva e individualmente, influenciadas pelas aceções que têm das coisas e do mundo, especialmente, as tidas de si mesmos e do outro.

Éden, Adão e Eva são entrelaçados pela narrativa que ganha vida pela/na atuação dos dois personagens no espaço do Éden, que brotados no Princípio, constituem-se edênicos desde as suas origens aos papéis desempenhados na intriga da epopeia, constituídas as suas individualidades de homem e mulher edênicos. Tal noção é basilar para a concepção da identidade narrativa como sendo construída no decurso da intriga baseada no narrar do si, sob a influência dos fatores do espaço e tempo, à medida em que o espaço é transformado pelo humano e este é transformado por aquele em cada tempo. Nesse sentido, invenções e ações são tomadas pelos indivíduos, percepções de mundo e dos seus próprios papéis são construídas por eles a partir do lugar onde vivem e da vista possível de se alcançar através dele.

O texto-objeto desta pesquisa explora uma narrativa que transita por várias esferas, a citar os campos religioso, científico e social se dissipando até ao campo artístico-literário, em que se buscou analisar a versão épica, que apresenta a obra inglesa, para uma das explicações mais reconhecidas acerca da maior questão já perguntada pelo homem, o porquê de sua existência, o que interessa não só à esfera literária, mas sim a diversos campos do saber. Logo, a narrativa que penetra a esfera literária se origina no contexto da vida cotidiana (Ricoeur, 2021), por isso, permite-nos não só desvendar a intriga que sustenta a estória do texto, como também identificar nele os reflexos da História de um determinado contexto.

Além disso, constituiu-se um dos objetivos pretendidos, explicar como é construída a identidade de Adão e Eva como os pais da humanidade, com o intuito de se trazer esclarecimentos sobre a visão de ambos como exemplos humanos representativos, no que tange às suas individualidades e papéis assumidos na História. Na epopeia estudada, o cenário literário em torno casal apresenta uma visão, ainda que peculiarmente miltoniana, reveladora da concepção sobre homem e a mulher desde o princípio, que se reverbera no hodierno com forte influência sobre as crenças e ações humanas, dada a disseminação continental da narrativa edênica, a fundamentação dada à Teoria Criacionista e ao surgimento de várias manifestações de religião, compreendida

como o principal fator de imposição de princípios e representações de estruturação do pensamento individual e, em particular, do mundo social (Bourdieu, 2007).

Este trabalho traz contribuições para os estudos relacionados à diversidade de elementos, perspectivas e temas apresentados no longo poema épico. Para o desenvolvimento deste estudo, adotou-se o método de referência bibliográfica, desenvolvido com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, levantados mediante investigações do estudo da arte acerca do objeto de estudo (Gil, 2002), além de abranger trabalhos de monografias, dissertações e teses, priorizando a fidedignidade das fontes e o seu potencial de fundamentação à investigação.

A pesquisa seguiu-se de uma abordagem qualitativa centrada em entender e interpretar fenômenos nos seus cenários naturais em termos dos significados a eles conferidos pelos sujeitos (Denzin; Lincoln, 2006). Essa natureza investigativa possui caráter transdisciplinar, visto que a maioria das fontes utilizadas em pesquisas provém de uma variedade de campos do saber, sendo muitas provenientes das áreas das Ciências Humanas, como Sociologia e da Antropologia (Denzin; Lincoln, 2006). As principais fontes que direcionaram o trabalho foram os postulados de Ricoeur (1991, 1994 e 2021), Santos (1994), Mora (2016) e Compton (2015), além de outras referências, tais como Sá (2010, 2014, 2016), Ramalho (2013, 2014) e Gois (2016), Lewis (1969) e Johnson (2009), com abordagens preciosas a respeito da obra estudada.

Paraíso Perdido, ou *Paradise Lost*, possui traduções em vários idiomas, inclusive, em língua portuguesa, optou-se pela escolha da versão que apresenta o texto original em inglês e a tradução portuguesa de Daniel Jonas, poeta e tradutor de clássicos da literatura³. O ponto de partida foi a versão inglesa do texto, cabendo a ressalva que, na poesia, cada elemento como versos, rimas, figuras de linguagem e métrica possuem importância crucial (Brito, 2012), enquanto o texto em língua portuguesa foi utilizado como leitura complementar a do texto britânico, que contém algumas variações do inglês falado na Inglaterra seiscentista. No corpo do texto, serão citados excertos da obra considerados na análise e suas respectivas traduções serão apresentadas nas notas de rodapé.

³ A edição utilizada para a pesquisa é a versão da editora 34, rede brasileira investidora em publicação de edições bilíngues com traduções qualificadas de clássicos da literatura como “*Paradise Lost*”, de John Milton. O livro conta com apresentação do crítico Harold Bloom, ilustrações de Gustave Doré, posfácio e notas à tradução feita por Daniel Jonas, caracterizada por seguir de perto a versificação e a musicalidade do texto original.

O presente artigo está estruturado em três secções ao longo das quais serão feitas as devidas explicações de acordo com que se propôs em cada item discutido. Na primeira, intitulada “Paraíso Perdido: a obra”, será contextualizado o poema épico, seu contexto histórico de produção e explicada a estruturação da narrativa. Em seguimento, na segunda secção, denominada “Narrativa e identidade: raízes da constituição do si”, tratar-se-á da importância da intriga para a formação da identidade narrativa e suas associações no processo de constituição da ação e do si através do tempo e espaço. Por último, na terceira, intitulada “Éden, Adão e Eva: o florescer da identidade”, será apresentada a análise desenvolvida sobre a representação das identidades do homem e da mulher edênicos na obra.

1. PARAÍSO PERDIDO: A OBRA

A epopeia inglesa de Milton foi publicada em 1667, contendo dez cantos, contudo, passada por revisões autorais e pela inclusão de outros dois cantos, completos os seus doze livros, tornou a ser publicada em 1674. O título desta secção direciona-nos para duas interpretações plausíveis: a) Paraíso Perdido obra escrita de Milton; b) paraíso perdido obra conjunta das ações de Deus, Satã, Adão e Eva. Ambas se unificam na intriga do épico, alvo de nossa análise, que narra o confronto de Céu e Inferno⁴, perpassando pela criação do Éden, Adão e Eva até o plano de Satã de levá-los a comer do fruto proibido, quebrando a aliança deles com Deus, que virá a dar a sentença final condenatória definida em caso perdido, ou melhor: paraíso perdido.

Harold Bloom vale-se no fato do poema ter sido escrito nos últimos anos de vida de seu autor, quando já se encontrava totalmente cego desde 1652, para concebê-la como “*an oracle of the inward life*” de quem o crítico chama de “*poet-prophet*” (Bloom, 2002, p.71). Samuel Johnson (2009, p. 76) argumenta que “*invention is almost the only literary labour which blindness cannot obstruct*”, pois o estado de cegueira de Milton obstruía-lhe o sentido da visão, não a sua capacidade inventiva. À luz do oráculo miltoniano, expressa-se o amadurecimento de sua poética na concepção de mais de 10.000 versos brancos decassílabos, empregados na técnica do pentâmetro iâmbico⁵,

⁴ Na epopeia, é narrada a guerra angelical traçada entre os exércitos de Satã *versus* exército de Deus, desencadeada após a revolta de Lúcifer e de alguns anjos diante da elevação do Filho ao lugar da direita do trono dos Céus. Satã e anjos revoltosos defendem a autogênese dos seres e reivindicam a participação nas decisões universais tomadas unicamente pelo reinado de Deus.

⁵ Pentâmetro iâmbico (ou jâmbico) é um tipo de métrica clássica cujo ritmo varia de acordo com a intensidade das sílabas fortes e fracas. Os termos “iâmbico” e “pentâmetro” se referem, respectivamente, ao tipo de pé utilizado e ao número de pés, indicando serem cinco pés jâmbicos que se estruturam a partir de uma sílaba fraca seguida por uma forte. Para fins de leitura acerca da poética de Milton, sugere-se a

que exalam alta sofisticação reavivada pela presença de múltiplas referências históricas, culturais e míticas, produto de “*his memory stored with intellectual treasures*” (Johnson, 2009, p.76).

Paraíso Perdido recebe de estudiosas, como Gois (2016) e Servín (2013), a denominação de “epopeia teológica” por seus versos narrativos se desvelarem em torno da história da criação e da queda do homem, representando “*quite peculiar in the way Milton developed much of his own theology*” (Servín, 2013, p. 85). Milton a escreveu em base de suas próprias percepções teológicas e cósmicas inspiradas em seus conhecimentos sobre verdades cristãs adquiridos nas experiências do poeta com estudos das Escrituras Sagradas, muitas feitas por ele em hebraico e latim, pois o autor era hábil em muitas línguas, conforme biografista Johnson (2009), ele compreendia grego, francês, italiano e espanhol. O eruditismo de Milton o proporcionou a ampliação de sua compreensão sobre línguas, culturas, artes e literatura, que o permitiram desenvolver o domínio pleno da escrita alcançando desígnios maiores como a concepção da célebre epopeia inglesa.

No livro “*A Preface to Paradise Lost*”, C.S Lewis analisa as influências teológicas no poema e o afirma ser, em sua essência, “*Augustinian and Hierarchical it is also Catholic in the sense of basing*” (Lewis, 1969, p. 82), visto que narrativa épica nasce da crença cristã basilar da existência de um Criador, fonte originadora de todas as coisas, fundada na seguinte premissa: “*God created all things without exception good, and because they are good*” (Lewis, 1969, p. 66). Entre os aspectos analisados por Lewis (1969), a fé na existência de um Ser Supremo, a quem se atribui “a ordenação e uma certa conexão das causas à vontade e ao poder” (Agostinho, 1996, p. 403), somada às crenças na dualidade de bem e mal, no livre-arbítrio e na queda consistida na desobediência, são ideias agostinianas influentes sobre a narrativa criacionista traçada no poema épico.

A proposta de Paraíso Perdido é, segundo Johnson (2009), transmitir uma moral ressonante na religião da necessidade de obediência às leis divinas que regulam o universo e a atuação humana. Para isso, se apresenta ao poeta, o desafio de construir uma narração de modo aguçar no leitor a curiosidade e superar todas suas expectativas, conforme lhe exige a tarefa árdua: “*a narration artfully constructed, so as to excite curiosity, and surprise expectation*” (Johnson, 2009, p. 100). Milton envolveu os eventos que precedem e sucedem a queda do homem na narrativa poética que trouxe à

leitura do livro “A literatura Inglesa”, de Anthony Burgess (2008), em que o autor analisa os elementos de ritmo, a musicalidade e a erudição dos versos miltonianos, obra referenciada no fim deste artigo.

forma do gênero épico cuja essência é expressar “fatos lendários ou fictícios, acontecimentos que geralmente giram em torno de assunto ilustre, sublime, solene, especialmente vinculado a cometimentos bélicos” (Sá, 2014, p. 285).

O poema épico fornece, segundo Ramalho (2013, p. 36), um manancial sobre como “a história, o mito e o heroísmo foram e são relidos” e apresenta “traços da experiência humano-existencial em uma dimensão coletiva” (Ramalho, 2013, p. 37), nele podendo ser encontrados objetos de reflexão sobre os contextos de inserção humana ao longo do tempo em que foram/são escritos. No caso do Paraíso Perdido, a obra se situa em meados dos anos 1600, considerado um dos períodos mais revolucionários da história inglesa, marcado pela efervescência política, cultural e social vivida pela Inglaterra, com conflitos políticos, entre monarquia e parlamento; e religiosos, entre puritanos e protestantes. Diante desse contexto, o épico de Milton é circunscrito numa arena: “onde fé e razão, razão e liberdade de escolha, escolha e conhecimento, conhecimento e fé estariam em pleno mo(vi)mento de continuidade-contiguidade” (Sá, 2014, p.293).

Levando em conta o contexto do país inglês no século XVII e a participação política ativa de John Milton na defesa do parlamento e da liberdade de imprensa, Sá (2014) examina as marcas do anti-imperialismo e pró-republicanismo do autor na epopeia refletidas no embate entre Satã e Deus pela reivindicação do concílio satânico de participar da gestão universal, exclusivamente, exercida pelo reinado divino. Tido como uma alegoria do conflito mantido entre monarquia e parlamento pela diminuição do poder legal do rei e da cobrança de impostos, culminado na Guerra Civil (1642-1647) que se reverberou na decapitação do Carlos I e na instauração do Regime Republicano Inglês (1649-1658) liderado por Oliver Cromwell, de quem Milton era amigo e apoiador. Entretanto, o poeta, depois de muito trabalhar na defesa da república, frustrou-se com a queda do regime e restauração da monarquia depois da assunção do rei Carlos II em 1660.

Analisando o panorama histórico de inserção da obra, é possível observar os reflexos dos eventos históricos ressignificados na produção literária do épico. Snider (1994) destaca a presença do nacionalismo primitivo no poema, expresso em: “*independent ideology antipathetic to absolutism, mercantilism, and presbyterianism*” (Snider, 1994, p.100). O autor aponta ser esse aspecto uma clara influência sobre a épica miltoniana das epopeias clássicas, como “Eneida” do poeta Virgílio. Tal influência também pode ser notada, no nível na forma, com a adesão do poeta aos versos sem rima e a inclusão de mais dois livros à estrutura de Paraíso Perdido, em 1674, igualando-o ao

número de cantos de “Eneida”, que ao lado das obras homéricas “Ilíada” e “Odisséia”, são as mais célebres epopeias já escritas ao longo de todos os séculos.

A contextualização em torno das influências históricas sobre o clássico serve de alavanca para mergulhar na dimensão organizacional da obra e na estruturação da trama na epopeia. De acordo com Ramalho e Silva (2007, p. 52) o gênero épico possui uma “instância de enunciação duplamente semiotizante do eu lírico / narrador” que exerce a função de erguer a “geratriz híbrida, o narrativo e o lírico” (Silva; Ramalho, 2007, p. 36). A confluência desses aspectos origina o poema narrativo, adequado aos padrões líricos de versificação, metrificação e rimas, apresentando uma narrativa bem desenvolvida a partir dos elementos de espaço, tempo, personagem e ações associados na intriga.

Em “Poemas épicos: estratégias de leitura”, Cristina Ramalho apresenta as categorias básicas da organização estética do gênero epopeia, sendo eles: “matéria épica, dupla instância de enunciação, plano histórico, plano maravilhoso, plano literário e heroísmo épico; além de três outras cuja presença, sem ser obrigatória, é, ao menos, indicial: a proposição, a invocação e a divisão em cantos” (Ramalho, 2013, p. 36). O plano histórico se manifesta pelas referências diretas e indiretas aos eventos dos contextos espaços-temporais, já o plano maravilhoso, é por onde permeiam os eventos fantásticos e, por último, o plano literário abarca o emprego de técnicas e recursos na escrita da obra, com apresentação dos elementos da invocação, proposição e cantos. Todos os citados são aspectos notáveis na epopeia de Milton, por meio deles, a matéria épica é transformada em narrativa, ganhando forma e movimento.

A intriga tecida na epopeia inglesa se desenvolve através da interação entre planos literário, histórico e maravilhoso, porém se desenvolve com enfoque no último, em que o universo da criatividade literária se apresenta conectado à dimensão histórico-cultural de inserção da autoria. No poema, esse plano é adentrado, quando eu lírico/narrador faz apresentação da matéria épica: “*Of man's first disobedience, and the fruit / Of that forbidden tree, whose mortal taste / Brought death into the world, and all our woe / With loss of Eden*” (Milton, 2021, p. 30, I)⁶. Os versos citados são os primeiros versos do poema que nos encaminham ao plano maravilhoso da história de *A Criação*, cuja as principais referências são: o fruto proibido que traz a morte, o sapo e serpente falantes, além do relato do surgimento do universo e da guerra angelical entre anjos caídos e celestiais.

⁶ Seguem os versos de tradução portuguesa de Daniel Jonas: Da rebeldia Adâmica, e o fruto / Da árvore interdita, e mortal prova / Que o mundo trouxe morte e toda a dor / Com a perda do Éden” (MILTON, 2021, p. 31, I).

Na epopeia, o eu lírico/narrador inicia pela invocação às divindades da cultura pagã e judaico-cristã, invocando as musas da mitologia greco-romana e aquela que iluminou o profeta Moisés a escrever o Pentateuco⁷, entendida como uma musa próxima da essência do Espírito Santo: *Sing heavenly Muse, that on the secret top / Of Oreb, or of Sinai, didst inspire / That Shepherd, who first taught the chosen seed, / In the beginning, how the heavens and Earth / Rose out of chaos*” (Milton, 2021, p. 30, I)⁸. A invocação é um recurso retórico utilizado pelo poeta com a intenção de pedir inspiração, auxílio e energia para conceber um texto à altura da dimensão da matéria épica apresentada a fim de explicar a história da criação e da queda do homem.

Gizela Gois (2016) toma por base os pressupostos de Ramalho (2013, 2014) e classifica a invocação da epopeia miltoniana no tipo multirreferencial, por invocar mais de um referente, sendo divindades provenientes das crenças pagã e cristã. A autora ainda afirma que, quanto ao conteúdo, se classifica em metatextual, focada no fazer poético, quando eu lírico/narrador busca “apossar-se dos elementos necessários para a composição épica” (Ramalho, 2014, p. 42). Em *Paraíso Perdido*, o eu lírico/narrador pede às musas que “*What in me is dark / Illumine, what is low raise and support*” (Milton, 2021, p. 32, I)⁹, que lhe tragam as luzes do esclarecimento, permitindo-lhe cumprir com sua proposição direta de “*justify the ways of God to men*” (Milton, 2021, p. 32, I)¹⁰. O aspecto da invocação se mantém alinhada à proposição direta, que “indica uma intencionalidade épica mais explícita” (Ramalho, 2013, p. 32), pois, uma vez apresentada a matéria épica, permite-se ter certa previsibilidade do conteúdo das páginas subsequentes.

Em relação às divisões que a epopeia apresenta, Gois (2016) adota o termo “canto” para nomear cada livro (correspondente a *books*, no inglês), os quais estão divididos, ao todo, em doze, cada qual contando com um resumo em prosa inicial denominado argumento. Canto após canto, a narrativa se estrutura das suas partes ao todo, por meio dos cantos episódicos-narrativos, aqueles que se referem a “episódios específicos da narrativa” (Gois, 2016, p. 31), carregando consigo “simultânea independência e dependência” (Ramalho, 2014, p. 42), que os faz preservarem seu sentido próprio se separados um do outro e, se unificados, somarem

⁷ Termo utilizado para nomear os cinco primeiros livros da Bíblia Sagrada (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio); de autoria atribuída ao profeta Moisés, que o teria escrito sob a iluminação do Espírito Santo. Por isso, acredita-se ter o eu lírico/narrador da epopeia inglesa ter invocado tal inspiração.

⁸ “Canta, celestial musa, que no cume / do Orebe, ou do Sinai lá, inspiraste / O pastor que ensinou a casta eleita, / De como no princípio céus e terra / Se erguerem do Caos;” (MILTON, 2021, p. 31, I).

⁹ “o que é treva em mim / Aclara, o que é torpe ergue e suporta” (MILTON, 2021, p. 33, I);

¹⁰ “a eterna providência e aos homens seus caminhos explicar” (MILTON, 2021, p. 33, I)

seus sentidos sustentando a trama. Nesse tipo de canto, os acontecimentos são elementos-chaves para o enredo da história e podem apresentar marcas temporais definidas, ou não, como é o caso da obra analisada.

A narrativa edênica assume a estrutura poética do gênero épico, em que os elementos caracterizadores foram elucidados acima, a invocação, a proposição e ordenação dos cantos, tanto quanto foram esclarecidos os planos em que se desenvolve a intriga. Em *Paraíso Perdido*, o canto I inicia com Satã libertado após ter caído do Céu e preso nas profundezas do Inferno com os seus aliados, agora, juntos tentam vingança contra os Céus. No livro II, Satã e os anjos caídos formam um pandemônio e realizam um debate sobre como se vingarão de Deus, finalizado com a decisão de corromper a nova criação divina. Diante disso, Satã se prontifica a embarcar sozinho na missão, assumindo frente aos demônios a postura de ‘O herói dos Infernos’¹¹ da máxima: “*Better to reign in hell, than serve in heaven*” (Milton, 2021, p. 54, I)¹².

Em seguida, no canto III, Deus vem à luz pela primeira vez e prevê o sucesso de Satã ao corromper os pais da humanidade, que virão a perder o paraíso, na ocasião, o Filho se oferece para fazer-se homem e se sacrificar pela salvação humana. No canto IV, Satã, direcionando-se à Terra, inspeciona o território do paraíso achado e o casal edênico, que conversa abertamente sobre sua morada e maior proibição: não provar do fruto da árvore do conhecimento. Ao escutar a conversa entre os dois, Satanás descobre como se vingará e os levará a perderem as delícias do jardim.

No livro V, Deus descobre que o anjo caído anda rodando o paraíso e envia o anjo Rafael para conversar com o Adão acerca do livre-arbítrio, seu dever de obediência e o inimigo que os ronda tramando vingança. Tal encontro entre Rafael e Adão se arrasta pelos cantos VI, VII e VIII, numa longa conversa que ganha a dimensão dos assuntos de formação do universo, rebelião de Lúcifer e dos outros anjos caídos, criação da Terra e de Adão e Eva, durada até a partida do anjo no final do canto VIII. Em seguimento, os livros finais narram a façanha de Satã que, apropriado do corpo da serpente, leva Eva a provar do fruto proibido, seguida da ação sucedida dela de convencer Adão a comê-lo também, fato acontecido no canto IX.

Ao longo do livro X, Deus envia o Filho para julgar os transgressores e lança a maldição sobre o Pandemônio, ofuscando a volta triunfante de Satanás diante dos outros demônios. No canto XI, o Filho retorna aos Céus para interceder pelo perdão do casal

¹¹ Em algumas leituras, Satã é considerado herói por assumir sozinho a empreitada de descobrir o paraíso e corromper Adão e Eva, assumindo a posição de líder, guerreiro, desbravador e estrategista, leitura feita por Fernandes (2012) em “O Satã de John Milton”, texto referenciado no fim deste artigo.

¹² “Melhor reinar no inferno que no Céu / Servir” (MILTON, 2021, p. 55, I)

edênico, Deus os perdoa, mas decide expulsá-los do Éden, para isso, envia o Serafim Miguel, que conduz Adão a um monte para mostrar-lhe o futuro da humanidade. Finalmente, no canto XII, Miguel continua o relato a Adão sobre o que virá ser encarnação, morte, ressurreição e Parusia, encerrado isso, os dois descem até o Jardim ao encontro de Eva para, enfim, deixá-lo em meio aos querubins que tomam o posto da guarda do lugar.

De canto a canto, a trama se desenvolve por vias das ligações estabelecidas entre cada episódio narrado de encontro entre os personagens e suas façanhas, em que cada parte é necessária a compreensão do andamento da intriga, uma vez compreendidas nela as razões e implicações em base das quais se funda a narrativa da criação do Éden e de Adão e Eva, aqui delimitados como foco de nosso interesse. Na secção a seguir, procurar-se-á demonstrar o papel da intriga como um elemento fundamental para construção das identidades narrativas dos personagens do homem e da mulher edênicos na epopeia.

2. NARRATIVA E IDENTIDADE: RAÍZES DA CONSTITUIÇÃO DO SI

A narrativa literária se apresenta como forma de manifestação textual entre a variabilidade de ocorrências de textos circulantes pelas diversas esferas de práticas de linguagem, caracterizando-se por suas naturezas ficcional e artística. Entre as acepções que se possa tomar, assume por um relato mimético do(s) enredo(s) de atuação(ões) humana(s), representando crenças, culturas, modos de vida e regulações, que abarcam ao mundo social, da mesma forma que, particularmente, representa as percepções, sentimentos e experiências do mundo individualizado. Esses dois mundos são entrelaçados pelo cabo da intriga conduzido pelas ações dos personagens situados em determinados contextos espaços-temporais nas narrativas através das quais virão eles a constituir suas próprias identidades.

No livro “O si mesmo como outro”, Paul Ricoeur discorre sobre a noção de identidade narrativa, entendida como uma construção hermenêutica acerca da representação do si feita de si mesmo ou pelo outro no decurso da intriga. Afirma, o autor: “A estrutura narrativa reúne dois processos de intriga, o da ação e o do personagem”. (Ricoeur, 1991, p.174). Por intriga, palavra aqui tomada no sentido sinonímico de trama, entende-se pelo emaranhamento de fatos, ocorrências e ações dos personagens, que dão sequenciação às partes de “início”, “meio” e “fim” do todo narrativo. Mora define-a em:

A intriga, nomeada como *mythos* por Aristóteles, recebe vários nomes, especialmente nas teorias de composição de relatos, tais como *plot*, enredo, história etc. Ela é definida como a parte da narrativa na qual se expõe, de forma encadeada, uma série de acontecimentos que ocorrem a um ou a vários personagens (Mora, 2016, p. 528).

Mora apresenta a definição de intriga que, tanto aponta para sua concepção, quanto para a condição de sua realização: o “estatuto do acontecimento” (Ricoeur, 1991, p. 169). É ele a fonte a que a intriga interliga os seus ramos, propulsionando o movimento narrativo da operação configurante¹³, ou seja, do feito do texto vir a tomar forma. A narração se segue de um percurso em que há para cada reação uma ação, ou vice-versa, cujo seu destino é a resolução dos conflitos narrados, podendo ela se desdobrar em uma sequência linear, ou não; variando, assim, quanto às possibilidades e grau de complexidade em que se desenvolve.

No épico *Paraíso Perdido*, uma característica que merece destaque é a escrita *in media res*, empregada por Milton, que optou por começar não pelo início da história, entretanto, no meio das ações cruciais para a narrativa. Em uso desse recurso, muitos acontecimentos só serão esclarecidos na metade da obra ao longo do desenvolvimento da intriga, que cumpre o papel de fazer “a transição entre narrar e explicar” (Ricoeur, 1994, p. 242). Isso acontecerá no revelar dos mistérios, dilemas, fenômenos e acontecimentos imbricados nas ações e diálogos dos personagens, responsáveis pelo encaminhamento da narrativa.

Em decorrência do uso dessa técnica pelo poeta, optando por começar no meio da história com a libertação de Satã e de seus aliados após o evento anterior de guerra contra os Céus, a narração não se realiza de modo linear, o que torna a leitura do poema complexa. Os seus cantos do tipo episódicos-narrativos, de livro a livro, narram atos, embates e cogitações frequentes entre personagens, Adão e Eva, quanto ao que sabem, podem e desejam fazer/conhecer, sendo marcas do suspense na obra. Esses, aliados aos eventos de disputas angelicais e personificação de animais como a serpente, trazem à narrativa a fantasia e o mistério, adicionando-lhe certo efeito intrigante.

Ricoeur (1994) delinea o primeiro passo a ser dado em direção à compreensão da identidade narrativa: “conceber primeiro a intriga, depois dar nomes aos personagens” (Ricoeur, 1994, p. 69). Conceber a trama de uma história, antes de qualquer conclusão interpretativa, exige-nos decifrar o seu real sentido, conforme Mora

¹³ Em *Arquitetura e narratividade* (2021) e em *Tempo e narrativa: Tomos I* (1994), Paul Ricoeur propõe as fases de construção da narrativa fundadas na Tríplice Mimese: prefiguração, configuração e refiguração da obra literária.

(2016, p. 531), é ele o “fio condutor das intrigas”, que tanto explica a razão de ser da narrativa, quanto aponta a direção para onde ela se encaminha. No poema, ambos são revelados na proposição do eu lírico/narrador de tratar, em matéria épica, da história da queda do homem, encaminhando-se para a narrar a criação do universo e da raça humana, relatada em Gênesis: “No começo Deus criou os céus e a terra” (Gn 1,1) e “do pó da terra, o Senhor formou o ser humano” (Gn 2,7)¹⁴. Assim, narra o primeiro livro do Antigo Testamento da Sagrada Escritura sob o qual foram fundadas as religiões abraâmicas.

O decurso narrativo do poema, embora já afirmado não ser linear, pelo menos, integralmente, segue certa linearidade quanto à sequência de apresentação do espaço terrestre, procedida da aparição do casal edênico, Adão e Eva. O Éden caracteriza: “*A happy rural seat of various view*” (Milton, 2021, p. 272, IV)¹⁵; e o casal descreve: *Two of far nobler shape erect and tall, Godlike erect, with native honour clad / In naked majesty seemed lords of all*” (Milton, 2021, p. 276, IV)¹⁶. Tomando esse fluxo, o eu lírico/narrador adota uma sequência que aponta para a forte ligação do espaço (Éden) e personagens (Adão e Eva) na narrativa edênica, partida do surgimento da Terra, naquele tempo, apenas o paraíso, à aparição do casal edênico, criados para darem prosseguimento ao projeto do Criador. De acordo com Pereira (2019, p. 263) “pensar o espaço, projetá-lo, construí-lo e entendê-lo como obra arquitetônica requer a humanização do espaço, tornando-o em lugar”, o Éden representa o lugar projetado, construído e visto como uma obra arquitetônica divina reservada a Adão e Eva, onde o casal e toda a sua descendência viriam habitá-lo. Logo:

A pessoa, compreendida como personagem da narrativa, não é uma entidade distinta de suas “experiências”. Bem ao contrário: ela divide o regime da própria identidade dinâmica com a história relatada. A narrativa constrói a identidade do personagem, que podemos chamar sua identidade narrativa, construindo a da história relatada. É a identidade da história que faz a identidade do personagem (Ricoeur, 1991, p. 176).

As identidades dos personagens são construídas a partir de suas trajetórias narradas em histórias, sob a iluminação do tempo e espaço, pois ambos “se coadunam pela ação do humano, se articulando de modo narrativo” (Pereira, 2019, p. 264). Nesse ínterim, conceber a identidade narrativa implica em compreender as raízes da

¹⁴ Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Editora Paulinas, 2011.

¹⁵ Tal cena feliz, rural, sortida” (MILTON, 2021, p. 273, IV);

¹⁶ Duas das mais distintas formas, altas / E eretas, como Deus, com honra indígena / Vestidas em nudez real de tudo (MILTON, 2021, p. 277, IV).

constituição do si reveladas na intriga, tais como a tomada dos atos (o que fez?), modos de realização (como?), as suas causas (por quê?), em que tempo (quando?) e lugar (onde?), para se chegar às respostas que expliquem como o sujeito se relaciona e interage com o mundo, vindo a construir a sua individualidade (quem?).

Para Ricoeur (1994) a narrativa se torna significativa a medida em que pode expressar os traços da experiência do tempo e do contexto espacial, aliando o relato entre esses dois pontos de vista, uma vez que o complexo tempo-espaço é caracterizado pelo entrecruzamento provocado pela intriga na unificação dos aspectos descritivos do ambiente e do período em que se passa a história. Na epopeia estudada, não há uma sucessão cronológica de localização exata dos objetos de análise, estando o tempo estreitamente relacionado à dimensão do espaço: o Princípio; remetente ao período anterior a tudo o que viria a ser e a tudo aquilo o que poderia ter sido.

O pano de fundo de *Paraíso Perdido* é constituído de cinco lugares onde se desenvolve toda a narrativa: o Reino dos Céus, o Paraíso, o Caos, a Noite e o Inferno. Milton apresenta uma visão cósmica de um universo com o Céu no topo, o Inferno na base e o Caos e a Noite no meio. O paraíso possui suas ligações ao Inferno por via da base inferior através da ponte construída pelo pecado e pela morte: “*endured a bridge of wondrous length / from hell continued reaching the utmost orb / of this frail world*” (Milton, 2021, p. 184, II)¹⁷. Por via da base superior, é conectado ao Céu por uma corrente de ouro, expressos em: “*Of living sapphire, once his native seat; / And fast by hanging, in the Golden chain / this pendente world*” (Milton, 2021, p. 186, II)¹⁸; essa corrente representa a aliança mantida entre o casal e Deus, também podendo ser interpretada como o cordão umbilical de um recém-gerado (Terra).

Milton apresenta um esquema cósmico e geográfico que muito contribui para ambientação do cenário no qual se desenrolará os acontecimentos da sua epopeia teológica. Quanto ao *habitat* de Adão e Eva, a posição geográfica do país Éden se situa no meio de outros dois países em frequente combate, Céu e Inferno, mantendo com eles suas faixas de acesso de “*bridge of wondrous*” e “*Golden chain*”, que o torna um território estratégico para os ataques de Satã e seus aliados, com vistas a atingir os Céus, colocando Adão e Eva entre as intentadas partidas de cá e acolá.

O paraíso é descrito como um espaço suficientemente grande para abrigar a diversidade de seres da flora, da fauna e da futura humanidade, tendo uma paisagem

¹⁷ “Amansaram ao jugo de ancha ponte, / Do inferno dando ao mais remoto orbe / Do frágil globo;” (MILTON, 2021, p.185, II).

¹⁸ Com safira virgínea, seu berço; E em cadeia de ouro ao pé suspenso / Este mundo pendente” (MILTON, 2021, p. 187, II)

puramente bucólica: “*All trees of noblest kind for sight, smell, taste*” (Milton, 2021, p. 270, IV)¹⁹. Uma vez, no jardim, estava o casal habitante desfrutando das suas delícias, desenvolvendo suas formas de viver e sentir-se no novo mundo criado em processo de realização. Esse processo, de acordo com Milton Santos (1994) “se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições” (Santos, 1994, p. 33).

Na referida obra, as descrições da territorialidade edênica, abrangendo os detalhes puramente geográficos até os sociais, contextualizam as condições ambientais, culturais, sociais e morais em que vivem os personagens no tempo e espaço do Primeiro Jardim. Santos (1994) define espaço em tudo aquilo que é "formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (Santos, 1994, p. 34). Adotando essa perspectiva, entende-se o espaço como um constructo de forma-conteúdo, composto pelo o físico que dá vida às paisagens e pelas relações sociais que vivificam histórias.

A verdadeira natureza da identidade narrativa encontra suas fontes nas raízes elementares do personagem, espaço, tempo e acontecimento, que formam o tronco da narrativa, erguido pelas ramificações interligadas pelo cabo da intriga. Esta última, segundo Mora (2016) nem sempre poderá, em todo caso, ser compreendida em ocorrências sucedidas “uma depois da outra (*tade meta tade*)”, mas sempre como “uma por causa da outra (*tade dia tade*)” (Mora, 2016, p. 533-534). Em busca dos seus rumos, a narrativa se direciona pelos sentidos da razão de ser e pelo(s) caminhos(s) percorrido(s) no sentido de alastrar-se pelas arenas do significado.

Na secção, a seguir, será apresentada a análise da formação identitária de Adão e Eva, considerando as essências dos seus caracteres e de seus corpos, atrelando-os às mudanças, acontecimentos e experiências que influirão no agir e no pensar do homem e da mulher edênicos. Sem que se perca de vista a relevância dos pontos de “*reconhecer-se no*”, neste caso, no território do Jardim do Éden, e de “*identificar-se com*”, isto é, com valores, crenças e normas do espaço vivido, conforme as premissas ricoeurianas.

¹⁹ “Nobres lenhos pr’a vista, cheiro, gosto” (MILTON, 2021, p. 271, IV)

3. ÉDEN, ADÃO E EVA: O FLORESCER DA IDENTIDADE NARRATIVA

O conceito de identidade narrativa de Paul Ricoeur é fundamentado numa proposta hermenêutica da compreensão do si, baseada na dialética da mesmidade-ipseidade, que interage na determinação da identidade. Segundo a dialética ricoeuriana, a noção de mesmidade se baseia na imutabilidade do caráter e a ipseidade na construção constante do si, mantendo “juntas as duas pontas da cadeia: a permanência no tempo e a da manutenção do si” (Ricoeur, 1991, p.196). Logo, compreender a constituição identitária do sujeito implica em conceber a relação entre essas duas pontas da cadeia associadas na narrativa literária, por meio da qual os personagens são envolvidos no dinamismo inerente à formação de suas individualidades e à preservação do que nelas lhes seja permanente.

Segundo Ricoeur (1991, p. 168) “a identidade do personagem se constrói em ligação com a da intriga”, assumindo o personagem, ora a posição de operador das ações da intriga, ora de sofredor das ações de outrem. A relação entre a constituição da ação e constituição do si permite-nos responder às perguntas: a narrativa é sobre o que? E sobre quem?. Essas são questões basilares que nos apontam os sentidos direcionados à compreensão da narrativa da criação e à concepção das identidades dos criados, Adão e Eva, remontando desde os seus nascimentos, às primeiras manifestações do casal no jardim e analisando a formação de suas identidades ao longo tempo e espaço do Éden.

A começar pelas origens do casal edênico, em Paraíso Perdido, Adão e Eva relatam as memórias de suas criações e do primeiro contato com o paraíso, ele explica: “*As new Naked from soundest sleep / Soft on the flowery herb I found me laid / In balmy sweat, which with his beams the sun / Soon dried* (Milton, 2021, p. 550, VIII)²⁰; e ela relata que: “*That day I oft remember; When from sleep / I first awaked, and found myself reposed / Under a shade on flowers* (Milton, 2021, p. 290, IV)²¹. Como descrito, Adão se recorda de vir ao mundo sob a iluminação do sol, já Eva se recorda de provir da costela de Adão em meio a sombra, os termos “*sun*” e “*shade*” são antônimos representativos das colocações que assumirão ele e ela na história. Assim, o casal desperta ao derredor da paisagem onde as florescem flores e onde também florescerão as suas identidades.

²⁰ “Como quem desperta / De um sono fundo e doce em relva e flores / Me achei, suando um bálsamo, que o sol / Secou. (MILTON, 2021, p. 551, VIII);

²¹ Recordo bem o dia, quando ao sono / Por fim tomado dei posta / Sob a sombra de flores” (MILTON, 2021, p. 291, IV)

De acordo com a perspectiva ricoeuriana é preciso narrar para desenvolver o caráter, é preciso mostrar ações tomadas por alguém contextualizadas a um tempo e espaço, pois “relatar é dizer quem fez, o que, por que e como, mostrando no tempo a conexão entre esses pontos de vista (Ricoeur, 1991, p. 174). Visando responder a tais indicadores, remonta-se às primeiras manifestações de Adão e Eva plantados no espaço do paraíso, onde Eva se atém a perguntar quem era e de onde viera: “*Under a shade on flowers / much wondering where / And what I was, whence thither brought, and how*” (Milton, 2021, p. 290, IV)²²; e Adão, de imediato, olha para o alto: *Straight toward heaven my wondering eyes I turned, / And gazed a while the ample sky, till raised / By quick instinctive motion up sprung*” (Milton, 2021, p. 550, VIII)²³. O casal habitante demonstra ter o sentimento intuitivo de se sentir efeito de uma causa anterior e superior: o Criador; uma das reflexões feitas por René Descartes em “Meditações Metafísicas”:

de onde o efeito pode tirar sua realidade senão de sua causa? E como esta causa poderia comunicá-la a ele se não tivesse em si mesma? E daí resulta não somente que o nada não poderia produzir coisa alguma, mas também que o que é mais perfeito, ou seja, que contém em si mais realidade, não pode ser uma consequência e uma dependência do menos perfeito (Descartes, p. 2005, p. 65-66).

O pensamento cartesiano se baseia no princípio da causalidade, que prega que todos os fenômenos e objetos (efeitos) possuem uma causa-primeira (ação) que os alinha num *continuum* edificante. O filósofo argumenta que, embora a percepção inata da causa-primeira (Deus) esteja no efeito (homem), afirma que “não teria, contudo, a ideia de substância infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse sido posta em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita” (Descartes, 2005, p. 72). Se *res cogitans*, substância pensante e imperfeita, carrega consigo a ideia intuitiva da existência de uma substância infinita e perfeita, o que denomina *res divina*, é porque em si foi plantada, no processo criativo, como característica herdada do Criador que lhe “deu ainda espírito, inteligência, vontade” (Agostinho, 1996, p. 497).

É na busca por respostas aos porquês da existência que a narrativa criacionista se apresenta como uma explicação representativa em relatar quem eram e quem seriam Adão e Eva no Éden brotados no Princípio. Assim, uma característica constitutiva do casal se apresenta, o desejo de conhecer sua causa e fim, explicadas pela voz de Deus do

²² Sob a sombra de flores, indagando / Quem era, de onde viera, aonde, e como.” (MILTON, 2021, p.291, IV).

²³ Voltei logo os meus olhos para o céu, / E o amplo céu fitei, até que içado / Por instintivo e ágil” (MILTON, 2021, p. 551, VIII)

alto dos Céus, dizendo a Eva: “*Multitudes like thyself, and thence be called / Mother of human race*” (Milton, 2021, p. 292, IV)²⁴ e “*Adam, rise, / First man, of men innumerable ordained / First father*”²⁵, completando com a frase “*Whom thou soughts I am*” (Milton, 2021, p. 554, VIII)²⁶. Nesse verso, o Criador se apresenta a eles, que já o procuravam instintivamente reforçando a tese de carregarem em si o traço de ligação com divino e sob seu ordenamento assumir suas individualidades e papel de par fundador de toda a humanidade, como explica o anjo Rafael a Adão:

*This said, he formed thee, Adam, thee O man
Dust of the ground, and in thy nostrils breathed
The breath of life; in his own image he
Created thee, in the image of God
Express, and thou becam 'st a living soul.
Male he created thee, by thy consort
Female for race; then blessed making, and said,
Be fruitful, multiply, and fill the earth,
Subdue it, and throughout dominion hold
Over fish of the sea, and fowl of the air
(Milton, 2021, p. 520, VIII).²⁷*

As expressões “*Male he created thee*” e “*Female for race*”, utilizadas pelo anjo, possuem teor puramente biológico para descrever o casal edênico criado para funções meramente reprodutivas, completa o serafim com “*Multiply*”. Com este fim, viveriam no jardim em harmonia com os outros animais, decretada sua posição superior de estar “*Over fish of the sea, and fowl of the air*”, por terem eles herdado de Deus “uma alma apta pela razão e pela inteligência a elevar-se acima de todos os animais da terra, das águas e do ar, desprovidos de um espírito deste gênero” (Agostinho, 2000, p. 1143), no entanto, estando igualmente a eles na condição procriadora de macho e fêmea. Ricoeur (1991) considera o corpo uma dimensão do si, que aliada à psíquica, associam-se na construção da identidade pessoal, no caso de Adão e Eva, esses fatores determinam o afloramento de suas características físicas, psíquicas, morais e socioculturais.

Da caracterização dos seus traços corporais, Eva é descrita como uma mulher formosa e angelical com cabelos longos caídos a sua cintura em longas tranças: “*She as a veil down to the slender waist / Her unadornèd Golden tresses wore / Dishevelled*”

²⁴ “Multidões como tu, serás chamada / Da raça humana mãe” (MILTON, 2021, p. 293, IV)

²⁵ “A tua casa, Adão, te chama / Ergue-te homem, de infindos homens pai” (MILTON, 2021, p. 555, VIII).

²⁶ “Quem buscas eu sou” (MILTON, 2021, p. 555, VIII). A frase “Quem buscas Eu sou” alude ao versículo bíblico de Êx, 14,3.

²⁷ Disse, e te fez, Adão, a ti ó homem, / Pó do pó, e às narinas te soprou / Sopro da vida, à sua imagem ele / Te criou, à imagem e expressão / De Deus, e assim é alma viva. Macho / Te criou, e pr’a raça a consorte / Fêmea. Depois bendisse-os, e ordenou-lhes: / Multiplicai-vos, férteis sede, e enchei / A terra, sujeitai-a, dominando” (MILTON, 2021, p. 521, VII)

(Milton, 2021, p. 278, IV)²⁸. Adão, por sua vez, é descrito como homem esbelto com cabelos cacheados partidos ao meio da cabeça, expresso nos versos: “*Round from his parted forelock manly hung / Clustering*” (Milton, 2021, p. 278, IV)²⁹ e de grande estatura física “*fair indeed and tall*” (Milton, 2021, p. 292, IV)³⁰. A descrição do homem edênico corporalmente maior que a mulher, na narrativa, terá conferida a sua individualidade a força e predominância, enquanto a ela, a fragilidade e a submissão:

*To whom thus Eve with perfect beauty adorned.
My author and disposer, what thou bidst
Unargued I obey; so God ordains,
God is thy law, thou mine: to know no more
Is woman's happiest knowledge and her praise.
With thee conversing I forget all time,
All seasons and their change, all please alike.
(Milton, 2021, p. 304, IV).³¹*

O excerto acima é um trecho do diálogo entre o casal no jardim em que Eva reconhece a soberania do Criador e a superioridade de Adão diante de si mesma, quando se dirige ao amado reafirmando ser Deus a lei de Adão e este a lei dela. As representações dos pensamentos de Adão e Eva revelam que o modo como a criação concebe o Criador molda os criados, influenciando na formação de suas identidades, nas interações com mundo e na relação humano-divino, esta última, conforme Compton (2015, p. 80) se funda em “*an unending debt of gratitude*”, isto é, em uma eterna dívida de gratidão. Podendo ser resumida no seguinte pensamento agostiniano: “O criador da alma merece, pois, em tudo, louvores: - seja por ter posto na alma desde a sua origem um começo de aptidão para ascender até o Sumo Bem; - seja porque Ele a ajuda a progredir” (Agostinho, 1995, p. 225-226). Dessa maneira, o casal toma por sua moral reconhecer a grandeza do Senhor, oferecendo-lhe obediência, gratidão e como recompensa: “*multiply a race of worshippers*” (Milton, 2021, p. 528, VII)³².

Segundo Ricoeur: “O passo decisivo em direção de uma concepção narrativa da identidade pessoal é dado quando passamos da ação ao personagem” (Ricoeur, 1991, p. 170). Em solo do Éden, Adão e Eva desempenham as tarefas que lhes são atribuídas no

²⁸ Ela qual véu que baixa à cinta esguia / As tranças de ouro usava sem adornos, / Revoltas”; (MILTON, 2021, p. 279, IV)

²⁹ “Pendiam do topete repartindo-se / Em cachos viris, não porém p’las espáduas;” (MILTON, 2021, p. 279, IV)

³⁰ “esbelto e alto” (MILTON, 2021, p. 293, IV)

³¹ “Ao que Eva com beleza adornou pura. / Meu autor e juiz, o que decretas / Sem objeção acato; Deus tal manda, / Deus é a tua lei, tu minha: sei isso / E isso só a mulher praz como ciência. / Falo contigo e esqueço todo o tempo, / As honras e as moções, iguais em gozo.” (MILTON, 2021, p. 305, IV)

³² E a raça humana aumentar de adoradores” (MILTON, 2021, p. 529, VII).

jardim de crescimento intenso, de zelo pelo lar “*To till and keep, and of the fruit to eat*” (Milton, 2021, p. 554, VIII)³³ e oração “*Of Paradise and Eden’s happy plains, / lowly They bowed adoring / Their maker*” (Milton, 2021, p. 346, V)³⁴. Vivendo desse modo casal realiza suas tarefas rotineiras de práticas de jardinagem, agricultura e louvor, dando-as importância e sacralidade por provirem do ordenamento divino.

O executar dessas atividades simples leva o homem e a mulher a desenvolverem um vínculo com o entorno e uma sensação de segurança baseada na rotina levada na morada sagrada. Além de nutrirem em si a obediência instintiva de cumprirem os seus deveres e desenvolverem os seus hábitos como parte de suas identidades, pois: “Cada hábito, assim, contraído, adquirido e tornado disposição durável, constitui um traço – um traço de caráter” (Ricoeur, 1991, p. 146). Os hábitos são as maneiras pelas quais Adão e Eva tanto constroem suas identidades, quanto fortalecem sua relação com Criador, reconhecendo a si mesmos como o outro: “*in their looks divine/ The image of their glorious make shone / Truth, wisdom, sanctitude severe and purê / Severe, but in true filial freedom placed*” (Milton, 2021, p. 278, IV)³⁵. Os atributos da verdade, sabedoria, pureza e santidade são qualidades do casal herdadas do Divino, uma vez que “Deus fez, pois, o homem à sua imagem” (Agostinho, 2000, p. 1143), formando juntos distintivos dos caracteres de Adão e Eva, por caráter entende-se “o conjunto das disposições duráveis com que reconhecemos uma pessoa” (Ricoeur, 1991, p. 146).

Na narrativa, os dois foram criados à imagem e semelhança de Deus no que diz respeito aos atributos citados, provêm da mesma origem, mas não do mesmo processo operativo de criação, pelo fato de Adão proceder direto do Criador, enquanto Eva ter sido feita de uma operação com mediação de um terceiro, emergindo das sombras e Adão da luz, reserva a ela uma proximidade com o que é terreno, já a ele a proximidade com o celestial: “*He for God only, she for God in him*” (Milton, 2021, p. 278, IV)³⁶. Isso realçará o reconhecimento de suas diferenças, analisadas por Servín (2013), que afirma estar Eva condicionada para baixo (Terra) e Adão direcionado para o alto (Céu), próximo a Deus, de quem ele provém inteiramente, e Eva provém parcialmente.

Servín (2013) argumenta que, no caso de Eva, ela se encontra mais distante de Criador do que seu marido, sem os dois, ela não possui senso de direção, uma vez analisado o seu estado após a desobediência, diz: “*She has no sense of direction, an*

³³ “P’ra lavar e guardar e comer seus frutos” (MILTON, 2021, p. 555, VIII)

³⁴ “Do Paraíso e álacres chão do Éden, / Se prostaram louvando, principiando / As orações” (MILTON, 2021, p. 347, V).

³⁵ “pois nos rostos / Divina imagem tinham do criador, / Verdade, sabedoria, santidade / Pura e grave, mas posta em liberdade” (MILTON, 2021, p. 279, IV).

³⁶ Ele por Deus só, ela por Deus nele” (MILTON, 2021, p. 279, IV)

interesting feminine trait shared by many of her sex” (Servín, 2013, p. 89). Diante da análise da autora, cabe-nos questionar como, no entanto, partirmos apenas da premissa baseada no fator biológico da inferioridade de Eva perante a Adão? Se há referências de que se trata de uma construção identitária, que ainda que perpassa o fator biológico, é fomentada pelo fator social nas interações e ensinamentos dados pelas figuras masculinas do Criador, Adão e Rafael, que a reforçam constantemente. A exemplo disso, no canto VI, o anjo Rafael pede a Adão que cuide do seu mais fraco em “*warn / Thy weaker*” (Milton, 2021, p. 474, VI);³⁷ indicando que o mais fraco é Eva, tendo de ser protegida de vir a ser alvo fácil do ataque, coincidentemente, de outra figura masculina: Satã.

De acordo com Compton (2015, p. 85) a narrativa concede à Adão “*a measure of authority, shaping his understanding of himself and his relationship with Eve*”, estando Eva condicionada às sombras da ignorância, enquanto Adão à iluminação do conhecimento, que o coloca numa posição dominadora sobre Eva. Mesmo que Adão a valorize, porque a reconhece como parte da criação divina, é sempre ressaltada a hierarquia que a coloca em último plano, expresso em sua submissão ao ouvi-lo: “*When Adam first of men / To first of women Eve thus moving speech, / Turned him all ear to hear new utterance flow*” (Milton, 2021, p. 286, IV)³⁸. No canto IV, o diálogo mais importante mantido entre os dois, ouvido por Satã transfigurado em corvo-marinho, narra o homem edênico ressaltando à mulher edênica a proibição de provar do fruto da árvore do conhecimento:

*Sole partner and sole part of all these joys,
Dearer thyself than all; needs must be power
That made us, and for us this ample world
Be infinitely good, and of his good
As liberal and free as infinite,
That raised us from the dust and placed us here
In all this happiness, who at his hand
Have nothing merited, nor can perform
Aught whereof he hath need, he who requires
From us no other service than to keep
This one, this easy charge, of all the trees
In paradise that bear delicious fruit
So various, not to taste that only tree
Of knowledge, planted by tree of life,
So near grows death to life, whate'er death is*

³⁷ “avisa / o mais fraco” (MILTON, 2021, p. 475, VI)

³⁸ “quando o Adão dos homens / À Eva discursava, tornada toda os ouvidos à fluência” (MILTON, 2021, p. 287, IV)

(Milton, 2021, p. 288, IV).³⁹

Nesse diálogo, Satã, sob o alto da árvore da vida, descobre o plano de vingança de levá-los a provar do fruto proibido pelo ato da desobediência: *“Their ruin! Hence I will excite their minds / With more desire to know, and to reject / Envious commands”* (Milton, 2021, p. 294, IV)⁴⁰. Esse episódio serve de estopim para trama levando Deus a enviar o anjo Rafael ao Éden para alertar Adão e Eva sobre o perigo que os cercam e o dever de obediência. Na ocasião, Adão recebe o anjo e chama Eva, ordenando-a: *“go and speed, / And what thy stores contain, bring forth and pour / Abundance, fit to honour and receive / Our heavenly stranger”* (Milton, 2021, p. 358, V)⁴¹; ao passo que ela aceita cordialmente dizendo: *“I will haste and from each bough and brake, / Each plant and juiciest gourd will pluck such choice / To entertain our angel guest”* (Milton, 2021, p. 38, V)⁴². Durante a conversa, Adão assume o posto de homem sábio e importante, enquanto Eva prepara a mesa e tem de se retirar do caramanchão, onde rolará o diálogo crucial apenas entre as duas figuras masculinas.

Ao longo do diálogo mantido, o anjo dá detalhes a Adão sobre a gênese do universo e narra a guerra travada entre Satã e Deus, que perdura, se encaminhando ao jardim paradisíaco a procurar pela criação. Adão e Eva vivem num espaço definido moralmente, como o espaço entre confronto do bem e do mal: *“as representações de Adão e Eva no paraíso, especialmente na forma como elas amplificam e idealizam o imperativo colonial bíblico, confundem aventura romanesca e poema épico”* (Sá, 2014, p. 293). Enquanto o casal vive um clima romântico no jardim de delícias, nos seus entornos, o mal e o bem traçam um intenso combate ao caminhar de suas direções, o que exigirá muito deles o cumprimento da palavra dada: não provar da árvore do conhecimento.

Conforme Ricoeur (1991) a dialética da mesmidade-ipseidade se centra na polaridade entre caráter e promessa, esta última é uma noção ética baseada no entendimento de que *“prometer é se colocar sob a obrigação de fazer amanhã o que*

³⁹ Comparte única, parte sem par de honras, / Meu mais que tudo; manda que nos fez, / E p’ra que o amplo mundo aqui nos seja / Infundamente bom, e do seu bom / Tão liberal e livre quando infindo, / Que nos ergueu do pó e aqui nos pôs / Em todo o bem-estar, nós que nada temos / Por mérito, nem obras lhe prestamos / De que careça, ele que não pede / De nós serviço algum a não ser este, / Está fácil tarefa, de entre as árvores / No paraíso que atam frutos doces / Tão vários, não provar conhecimento / De uma só, junto à árvore da vida; / Tão junto à vida cresce a morte; (MILTON, 2021, p. 289, IV)

⁴⁰ *“A ruína! Daqui segue-se aguçá-lhes / As mentes com desejos de saber”* (MILTON, 2021, p. 295, IV)

⁴¹ *“Vai, vai, / E arranja provisões, no que houver pão / Abundância, o que honre e bem receba / O estrangeiro do Céu”* (MILTON, 2021, p. 359, V);

⁴² *“vou e de cada ramo, ou feto, / De plantas ou abóboras sumosas / Trago o melhor ao gosto do anjo hóspede”* (MILTON, 2021, p.359, V).

declaro hoje que farei” (Ricoeur, 1991, p.183), por meio da palavra dada, assumindo a promessa de fazer dela palavra cumprida. O autor afirma que a promessa é para o sujeito “um desafio ao tempo, uma negação da mudança” (Ricoeur, 1991, p. 149) que exige dele a responsabilidade pela manutenção de si, resistindo aos eventos do tempo pela promessa que faz a si mesmo e ao outro, tendo de suportá-los para conservar a si mesmo frente às mudanças suscetíveis de afetar a identidade em que se reconhece e é reconhecido.

Na epopeia, um desafio do tempo para identidade narrativa se apresenta a Adão e Eva no cumprimento da promessa, que é não provar do fruto proibido, pois guardam em suas memórias: “*So near grows death to life, whate'er death is*” (Milton, 2021, p. 288, IV)⁴³. A relação entre identidade-idem e identidade-ipse se dá pela coerência das ações de Adão e Eva de manterem suas disposições iniciais de servirem a Deus, nesse sentido, essa aliança significa “corresponder à confiança que o outro põe na minha fidelidade” (Ricoeur, 1991, p. 150). Ao passo que “se desobedecessem, a morte seria o seu justo castigo” (Agostinho, 2000, p. 1157), pois provar do fruto resulta na penalização não só na morte física, mas também de “outras que, sem dúvida, viriam a seguir-se” (Agostinho, 2000, p. 1189), como a morte do eu, acontecida com a negação de Adão e Eva de suas disposições iniciais por consequência do rompimento com a coerência que exige a manutenção do si, de ser/agir à imagem e semelhança do Criador.

Para que as escolhas do casal edênico mantenham a devida coerência, a vontade é o elemento fundamental para manutenção de suas identidades, pois guia suas ações e determina os seus destinos, conforme explica o anjo Rafael sobre o livre-arbítrio: “*God made thee perfect, not immutable; / And good hem ade thee, but to persevere / He left it in thy power, ordained thy will / By nature free*” (Milton, 2021, p. 376, V)⁴⁴. O livre arbítrio é, segundo Agostinho (1995), um dom concedido ao homem por Deus para ser desfrutado sobre a capacidade da razão: “se é verdade que o homem em si seja certo bem, e não poderia agir bem, a não ser querendo, seria preciso que gozasse de vontade livre, sem a qual não poderia proceder dessa maneira” (Agostinho, 1995, p. 74). Adão e Eva são livres para escolher como conceber a criação, constituir suas identidades, assumir seus papéis e construir seu relacionamento um com o outro.

A livre vontade é um atributo de Adão e Eva em que o seu exercício lhes permitirá discernir o bem da obediência e o mal da desobediência, acarretando implicações morais sobre os seus atos, já que “o que a natureza faz para a compreensão

⁴³ De uma só, junto à árvore da vida; / Tão junto à vida cresce a morte; (MILTON, 2021, p. 289, IV)

⁴⁴ “Perfeito Deus te fez, não imutável; / E bom te fez, porém perseverança / Deixou em teu poder / fez-te a vontade / livre por natureza” (MILTON, 2021, p. 377, V).

do preceito, a vontade o faz para a observância do mesmo” (Santo Agostinho, 1995, p. 234). Diz-se que, na epopeia, a própria posição do Éden na região terrestre revela muito sobre sua inclinação à moralidade, pois “foi plantado em direção ao leste. A direção leste é sempre voltada para a luz, seja ela física, mental, ou moral.” (Sá, 2010, p. 68). Essa posição é simbólica, porque no Leste nasce a luz do dia trazida pelos raios luminosos do sol e, na mesma região, o Éden nasce da luz do Onipotente e se mantém pela sua iluminação, a quem Adão e Eva estão fortemente ligados.

Em Paraíso Perdido, a trama avança em direção a um clima diferente dos últimos dias prazerosos vividos pelo casal no Éden, adentrando um dia de trabalho árduo no jardim com inúmeras tarefas a se fazer, quando o casal inicia uma pequena discussão sobre a necessidade de haver divisão de funções. Na ocasião, Eva propõe: “*Let us divide our labours, thou where choice / Leads thee, or Where most needs*” (Milton, 2021, p. 602, IX)⁴⁵, mas o homem hesita em deixá-la sozinha por medo de algo lhe acontecer “*But other doubt possesses me, lest harm / Befall thee severed from me*” (Milton, 2021, p. 604, IX)⁴⁶. O debate entre os dois terminará em consenso a favor da divisão das atividades entre eles, no entanto, Eva já se mostra desapontada com a condição de inferioridade imputada a ela, de não poder cuidar de si mesma, nem realizar tarefas sem os ordenamentos de Adão, o que será o estopim para a configuração do clímax da narrativa.

Eva adentra à floresta sozinha para colher frutos pela primeira vez sem a presença de Adão, seguida por Satã, apropriado do corpo da serpente falante, que se aproximará de Eva e utilizará uma forte retórica para convencê-la a provar do fruto proibido: “*he knows that in the day / Ye eat thereof, your eyes that seem so clear, / Yet are but dim, shall perfectly be then / Opened and claread, and ye shall be as gods, / knowing both good and evil as they know / That ye should be as gods*” (Milton, 2021, p. 636, IX)⁴⁷. O discurso satânico é provocador na medida que toca o sentimento de subjugação de Eva, provocando-lhe a eclosão da crise identitária, a proposta de “*shall be as gods*” se apresenta à mulher edênica como uma oportunidade de se libertar da condição de inferioridade imputada a ela e assumir uma nova constituição: a de deusa; o que não acontece.

⁴⁵ “Dividamos tarefas, escolhe o posto / P’lo gosto ou p’la urgência” (MILTON, 2021, p. 603, IX);

⁴⁶ Mas hesito, / Não vás de mim truncada correr riscos;” (MILTON, 2021, p.605, IX)

⁴⁷ “Pois sabes que no dia / Que comerdes, os olhos que achas claros, / E tão turvos são, se hão-de abrir perfeitos / E limpos, e quais deuses vós sereis / Sabendo o bem e o mal tão bem quanto eles” (MILTON, 2021, p. 637, IX).

O efeito do fruto da árvore do conhecimento sobre Eva muda sua percepção da criação, ela reconhece na transgressão o nascimento do seu novo eu, parecido com o velho em sentir-se efeito da ação de uma nova criação, porém agora de outra. De imediato, ela adora a árvore do conhecimento como sua nova referência de Criador: “*O sovereign, virtuous, precious of all trees / In Paradise*” (Milton, 2021, p. 640, IX)⁴⁸ e faz o juramento de “*each morning, and due praise / Shall tend thee*” (Milton, 2021, p. 640, IX)⁴⁹. Eva não cumpre com a promessa de não transgredir por sua livre vontade de usar tal oportunidade para se tornar uma nova versão de si.

Depois de Eva, Adão será o próximo a optar pela mesma escolha na narrativa, convencido pela sua esposa. Ela, então, regressa ao caramanchão para encontrar seu amante, que a esperava com uma tiara feita de flores em mãos para pôr na cabeça dela, quem acreditava ser ainda a velha Eva: “*Adam the while / Waiting desirous her return, had wove / Of choicest flowers a Garland to adorn / Her tresses*” (Milton, 2021, p. 646, IX)⁵⁰. Entretanto, a nova Eva já se encontrava atacada por ciúme e desejo de levar Adão a transgredir também, persuadindo o seu esposo com o mesmo argumento utilizado por Satã: “*to be gods, or angels demigods*” (Milton, 2021, p. 652, IX)⁵¹ e Adão “*scrupled not o eat / Against his better knowledge, not deceived*” (Milton, 2021, p. 654, IX)⁵²; configurando o duplo ato de desobediência.

Sob o clima da pós-transgressão, Adão e Eva ardem na alegria temporária do pecado da luxúria seguida da chegada do eterno arrependimento, dobram-se em lágrimas e rezam pela misericórdia divina, porque eram cientes de que: “*Which tasted work knowledge of good and evil, / Thou mayst not; in the day thou eatst, thou di'st; / Death is the penalty imposed*” (Milton, 2021, p. 522, VII)⁵³. O que era para ser uma alta transformação de “*worshippers*” para “*gods*”, tornou-se um episódio frustrante de dor, angústia e medo do que estava por vir: a perda do seu lar. Nos cantos seguintes, Deus intervém enviando o Filho ao Éden para encontrar o casal, antes vestido de pureza e santidade, agora estavam nus de honra e inocência se escondendo entre folhas: “*Naked left / To guilty shame: he covered*” (Milton, 2021, p. 658-660, IX)⁵⁴. Após a desobediência e quebra da promessa, “experimentaram (Adão e Eva) apenas uma das mortes – a morte em que Deus abandona a alma” (Agostinho, 2000, p. 1189).

⁴⁸ Ó suprema, virtuosa, mais preciosa Do Paraíso” (MILTON, 2021, p. 641, IX).

⁴⁹ A cada manhã, não sem hino ou loas / Meu mimo serás tu (MILTON, 2021, p. 641, IX).

⁵⁰ Ansiando-lhe o regresso, Adão tecera / Um diadema de fina-flor pr'a pôr-lhe / Nas tranças” (MILTON, 2021, p. 647, IX)

⁵¹ sermos deuses, / Ou anjo semi-deuses, nada menos” (MILTON, 2021, p. 653, IX)

⁵² E Adão sem quais escrúpulos / Comeu contra a razão” (MILTON, 2021, p. 655, IX)

⁵³ “pois no dia em que fizeres, Morres. A sanção é a morte” (MILTON, 2021, p. 523, VII)

⁵⁴ “Nus se expunham / À vergonha culpada: cobriu” (MILTON, 2021, p. 659-651, IX).

O Filho sentencia a mulher: *“Thy sorrow I will greatly multiply / By the conception; children thou shalt bring / In sorrow forth, and to thy husband’s will / Thine shall submit, he over thee shall rule”* (Milton, 2021, p. 688, X)⁵⁵; e o homem em: *“Thorns also and thistles it shall bring thee forth / Unbid, and thou shalt eat the herb of the field, / In the sweat of thy face shalt thou eat bread”* (Milton, 2021, p. 688, X)⁵⁶. Diante da certeza de perda do jardim e do extremo medo da morte, Adão e Eva se questionam em que direção estaria o mundo inferior àquele que habitavam. Suas lamentações se diferenciam pelas visões individuais que têm da criação e pela ligação que possuem com o território do Éden. Eva questiona: *“Must I thus leave thee Paradise? Thus leave / Thee native soil”* (Milton, 2021, p. 780, XI)⁵⁷ e se volta para as flores:

*O flowers,
That never will in other climate grow,
My early visitation, and my last
At ev’n, which I bred up with tender hand
From the first op’ning bud, and gave ye names,
Who no shall rear ye to the sun, or rank
Your tribes, and water from the ambrosial fount?
(Milton, 2021, p. 780, XI).⁵⁸*

O lamento da mulher edênica revela a angústia por ter que deixar para trás suas flores em direção a um lugar desconhecido, perguntando quem cuidaria delas e lhe daria nomes: *“Who no shall rear ye to the sun, or rank / Your tribes, and water from the ambrosial fount?”.* Eva reconhece o Paraíso como seu país natal, mostrando-se fortemente ligada à terra de onde veio para dela cuidar e regar como parte da sua identidade e por identificação com o meio. Enquanto ela se inclina para as atividades rotineiras do domicílio paradisíaco, Adão expressa sua aflição em ter de deixar o paraíso da seguinte maneira:

*This most afflicts me, that departing hence,
As from his face I shall be hid, deprived
His blessèd count’nance; here I could frequent
With worship, place by place where he vouchsafed
Presence divine,*

⁵⁵ “Multiplicarei muito as tuas dores / Da concepção; darás filhos ao mundo, Em dores darás, e ao querer do teu marido / o teu sujeitarás” (MILTON, 2021, p. 689, X);

⁵⁶ Dar-te-á contra a vontade espinhos, cardos, / E do campo as ervas comerás, / Comerás do suor do teu rosto o pão” (MILTON, 2021, p. 689, X)

⁵⁷ Devo deixar-te Paraíso? Devo / Deixar-te chão natal” (MILTON, 2021, p. 781, XI)

⁵⁸ “Ó flores / Que a nenhum outro clima vos dareis, / A quem primeiro dou bons-dias e último / Adeus à tarde, que eu com ternas mãos / Desde botão educo, e nomes dou, / Quem vos soleva ao sol agora, os clãs vos arranja, quem da fonte ambrósia / Vos rega? (MILTON, 2021, p. 781, XI)

[...]
*In younder nether world where shall I seek
 His bright appearances, or footstep trace?*
 (Milton, 2021, p. 782-784, XI).⁵⁹

No excerto acima, o homem edênico revela seu sentimento sobre deixar o paraíso, que significa estar longe da presença do Criador e vê-se abandonado por ele, no entanto, “antes de ter sido abandonado por Deus, foi o próprio Adão quem, ao pecar, abandonou Deus” (Agostinho, 2000, p. 1189). Adão cai em aflição, ao imaginar sua vida futura em um lugar inóspito comparado ao seu *habitat* natural, perguntando-se onde e em que lugar no mundo poderia ele se sentir fortemente conectado ao Criador como se sentia no Éden, onde nasceu e desenvolveu seu senso de pertencimento com o lugar habitado e fortaleceu sua relação humano-divino.

Com a triste e lamentável partida do paraíso, a Adão e Eva, não só importa o que já foram nos dias passados, mas, principalmente, o que virão a ser nos dias futuros. Eva recebeu as punições de dores no parto e de submissão ao marido, a exceção da primeira, a segunda já era sua realidade, a sentença dada reacende nela parte de seu caráter de obediência e relação pacífica com o marido. A Adão, por último, recai a penalização do trabalho exaustivo de ter de tirar da terra o que comer, não contando mais com a abundância de “*Of goodliest trees loaden with fairest fruit / Blossoms and fruits*” (Milton, 2021, p. 262, IV)⁶⁰ disponível no paraíso, sendo-lhe reacendida a posição de superioridade diante de Eva. Santo Agostinho (1996) afirma que a justiça divina que recai sobre o homem tem em vista restaurar a natureza primitiva herdada na criação, assim, as sentenças dadas podem ser interpretadas como o modo do Criador recolocar Adão e Eva nas posições a serem assumidas por cada um dos dois, em conformidade com a narrativa.

Nos últimos cantos XI e XII, é narrado o envio do anjo Miguel até o Jardim do Éden para expulsar o casal. Antes da partida, o arcanjo do alto de uma colina, mostra a Adão o futuro do homem, perpassando por toda a Escritura, desde os eventos do dilúvio, queda da Babilônia, patriarca Abraão até o nascimento, morte, ressurreição e retorno de Jesus Cristo. Miguel orienta Adão que “*Add virtue, patience, temperance, and love, / By name to come called charity, the soul / Of all the rest: then wilt thou not be loath / To leave this Paradise, but shalt possess / a paradise with thee, happier fair*”

⁵⁹ “isto mais me mói: que assim partindo / Afasto do seu rosto o meu, privado / Do seu semblante santo; lés a lés / Aqui me permitiria andar por sítios / De frequência divina, [...] / Nesse infero mundo aonde ir por visões / Preclaras, onde achar suas pegadas? (MILTON, 2021, p. 783-785)

⁶⁰ “De árvores atestadas de bons frutos, / Flores e frutos” (MILTON, 2021, p. 263, IV)

(Milton, 2021, p. 873, XII)⁶¹. A fala do arcanjo permite certa reflexão acerca do significado que possui o Éden para Adão e Eva, não reduzido tão-somente a um lugar de estada, mas, sobretudo, tido como um lugar de estado, daquele que cultiva “*virtue, patience, temperance, and love*” carregando consigo o “*paradise with*”: o paraíso como parte de si.

Adão toma os conselhos de Miguel e se conforma em ter de deixar o Éden, mas levá-lo junto consigo por onde caminhar como parte de si que o liga a Criador: “*Greatly instructed I shall hence depart, / Greatly in peace of thought, and have my fill / Of knowledge e afirma que “walk / As in his presence, ever to observe / his providence, and on him sole depend”* (Milton, 2021, p. 872, XII)⁶². Assim, pois “Bom para mim é apegar-me com Deus, porque se eu não permanecer nele, tampouco poderei permanecer em mim mesmo” (Agostinho, 1986, p. 176). A obra finaliza com os versos seguintes do casal edênico deixando o paraíso:

*Some natural tears they dropped, but wiped them soon;
The world was all before them, where to choose
Their place of rest, and providence their guide:
They hand in the hand with wandering steps and slow,
Through Eden took their solitary way.
(MILTON, 2021, p. 875, XII).⁶³*

O eu lírico/narrador relata a partida do casal do jardim como pacífica e trágica, de extremos sentimentos de arrependimento e dor de deixar a sua terra natal, rolados em “*some natural tears*”. Adão e Eva deixam o lugar, enquanto os anjos do Senhor o tomam, levando nos olhos as lágrimas e dentro de si a esperança de, no futuro, as promessas de Deus se cumprirem, ansiando pela maior delas, de um dia reaverem o jardim perdido, o lugar que lhes confere “*identity and purpose and influence, the weight of reality sinks in.*” (Servín, 2013, p. 90), pois os dois já se encontravam enraizados no solo nativo do Éden da mesma forma que as plantas e flores que se alastravam pelo espaço, dando-o vida. Ricoeur (1991) afirma que a dialética da mesmidade-ipseidade se inscreve numa concordância-discordância:

⁶¹ “Fé, virtude, paciência, temperança, / Amor que há-de chamar-se Caridade, A alma dos demais; então avesso / Não sejas a deixar o Paraíso, / Pois um terás em ti, bem mais feliz” (MILTON, 2021, p. 873, XII).

⁶² “Irei daqui instruído / Na maior das lições, e em paz de espírito” e “andar / Mais perto dele e dele depender”; (MILTON, 2021, P. 871, XII)

⁶³ Verteram naturais algumas lágrimas / Logo enxugadas. Era à frente o mundo, / Onde escolher seu lar, e a providência: / Mão na mão com pés tímidos e errantes / P’lo Éden solitário curso ousaram. (Milton, 2021, p. 876, XII, tradução Daniel Jonas)

A dialética consiste em que, segundo da linha da concordância o personagem tira sua singularidade da unidade de sua vida tida como outro. Conforme a linha da discordância, essa totalidade temporal é ameaçada pelo efeito de ruptura dos acontecimentos imprevisíveis que a pontuam (Ricoeur, 1991, p. 175).

As identidades de Adão e Eva são compreendidas no desvelamento da intriga, remontando desde as origens da criação à queda resultante do ato de transgressão dos dois. Partindo do jardim criado, a construção identitária dos personagens acontece em concordância com os planos do Criador, predicando os seus traços físicos, emocionais e intelectuais – constitutivos do caráter - entretanto são surpreendidas pelo evento discordante que os exigiria fidelidade à confiança em si depositada – constitutivo da promessa. Adão e Eva descumprem com a palavra dada pela livre vontade e desafiam o processo criativo, deixando para trás um paraíso perdido e parte de suas identidades passadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convém reforçar a tese deste trabalho de analisar a formação identitária dos personagens Adão e Eva no espaço do Éden a partir do conceito de identidade narrativa de Paul Ricoeur, aplicado à análise do processo identitário passado pelos dois personagens no poema épico Paraíso Perdido, de John Milton. Obra inspirada na história de A criação, que se dissipa do terreno bíblico se ressignificando no solo épico à estrutura dos versos narrativos miltonianos que ganham forma de um longo e complexo enredo, que em muito custa ser decifrado. Compreendê-lo exige explorar os planos em que se desenvolve a cadeia de acontecimentos e suas associações na constituição das essências da narrativa e dos personagens, que constroem as de si mesmos e da própria.

A narrativa revela tanto quanto dissemina concepções, valores, perspectivas e memórias vividas, tornando-se, por isso, motivo de identificação e de (re)afirmação das identidades individuais e coletivas. Fato que se evidencia na história de Adão e Eva, que se sentem parte da narrativa criacionista, vêm nela o sentido de sua existência e motivação para continuar a escrevê-la vivendo no Éden, onde florescem as suas identidades, arraigadas no solo natal em que se entendem por: homem e mulher edênicos. Logo, o estudo proposto tomou a direção de explorar a construção da narrativa epopeica de canto a canto, percorrendo o cabo da intriga, constatada a sua importância na constituição da identidade narrativa, uma vez analisadas suas

imbricações às raízes do tempo e do espaço em que vivem os personagens Adão e Eva, bem como as ramificações provocadas pelo movimento de suas ações e das ações de outrem sobre si mesmos.

A dialética ricoeuriana da mesmidade-ipseidade adotada explica a formação identitária de Adão e Eva, que darão prosseguimento à narrativa traçada para si pelo outro (Deus) habitando o território do Éden, um jardim de delícias infindas e de crescimento constante, reconhecendo-se no lugar e identificando-se com as regras e valores, ocorrerá aos dois a aquisição de suas disposições adquiridas. Elas constituirão os distintivos dos seus próprios caracteres, de mulher submissa e frágil, Eva; e de homem sábio, forte e racional, Adão; vivendo em conformidade com os ensinamentos divinos, cuja permanência no tempo e manutenção do si implica no cumprimento da promessa de não provarem do fruto da árvore do conhecimento.

Promessa essa não cumprida pelos dois por não terem suportado o evento que os trouxe o convite à prova, pois suportar é conservar a si mesmo (Ricoeur, 1991), mas não se perpetuar o mesmo até a morte, e sim manter o que o torne mais de si, ainda que sempre esteja aberto ao novo trazido pelas variações do tempo no período da vida. Adão e Eva não cumprem com a palavra dada desafiando o processo criativo no ato da transgressão, pelo desejo expresso de assumirem novas constituições identitárias, que os permitam escrever suas próprias histórias sem as regulações sobre eles impostas.

Em Paraíso Perdido, Adão e Eva sofrem as implicações morais da escolha feita por intermédio da livre-vontade, que lhes é inerente, expressas na expulsão do território do paraíso, em parte das identidades perdidas e no dever de preservar o que delas ainda lhes restam. Tal condição, por último, permite os localizar imersos num contexto espaço-temporal (Primeiro Jardim) submetidos a regulações maiores (Criador), que os coloca na busca constante da (re)criação de si mesmos e de manutenção do vínculo com o espaço reflexo da constituição das suas identidades.

A construção identitária do casal é compreendida na análise das circunstâncias de habitação do Éden e nas memórias que ambos carregam consigo como parte das histórias suas e do lugar habitado, no terreno onde se emaranharam as raízes que determinam as condições de estada e estado do si. Ao deixarem o jardim, Adão e Eva se alastrarão por territórios outros em busca de um solo fértil em que possam se estabelecer e preservar os seus ramos nativos do Éden, tendo em vista por ele ser e continuar sempre sendo o que são e escolhem ser ele e ela.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA SAGRADA: **Nova tradução na linguagem de hoje**. São Paulo: Editora Paulinas, 2011.
- BLOOM, Harold. **Harold Bloom, genius: a mosaic of one hundred exemplary creative minds**. Nova York: Warner Books, 2002. Disponível em: <https://singlelogin.re/book/2226007/eb14b6/genius-a-mosaic-of-one-hundred-exemplary-creative-minds.html>. Acesso em 10 dez. 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução: Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BRITO, Paulo Henrique. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BURGESS, Anthony. **A literatura inglesa**. Tradução de Duda Machado. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- COMPTON, Marissa. **Creation, identity, and relationships in milton's paradise lost**, Criterion: A Journal of Literary Criticism: Vol. 8. 1 , Article 10, 2015. Disponível em: <https://scholarsarchive.byu.edu/criterion/vol8/iss1/10>. Acesso em: 25 nov. 2023.
- COFFIN, Charles Monroe. **Creation and the self in paradise lost**. The Johns Hopkins University Press, v. 29. n. 1, p. 01-18, 1962. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2871922>. Acesso em: 25 nov. 2023.
- DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/zYRKvNGKXjbDHtWhqjxMyZQ/?lang=pt#>. Acesso em 23 ago 2023.
- DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FERNANDES, Fabiano Seixas. **O satã de John Milton**. In: O demoníaco na literatura. Antonio Carlos de Melo Magalhães *et al* (orgs.). Campina Grande: EDUEPB, 2012.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOIS, Gisela Reis de. **Os lusíadas e paraíso perdido: dois momentos estéticos da poesia épica**. Dissertação (mestrado em Letras). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5691>. Acesso em 25 nov. 2023.

JOHNSON, Samuel. **The lives of the poets: a selection**. New York: Oxford University Press, 2009, p.54-114. Disponível em: <https://singlelogin.re/book/829052/28537c/the-lives-of-the-poets-a-selection-oxford-worlds-classics.html>. Acesso em: 30 de nov. 2023.

LEWIS, Clive Staples. **A preface to Paradise Lost**. New York: Oxford University Press, 1941. Disponível em: <https://singlelogin.re/book/2330458/89e464/a-preface-to-paradise-lost.html>. Acesso em 12 dez. 2023.

MORA, Ernesto. **Intriga e narrativa. Duas operações da imaginação social**. Gragoatá, v. 21, n. 41, p. 528-553, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33414>. Acesso em: 20 nov. 2023.

MILTON, John. **Paraíso Perdido**. 3. ed. Tradução de Daniel Jonas. São Paulo: Editora 34, 2021.

PEREIRA, Marcos Paulo. **Casa da flor: contas de memória**. In: Todas as idades são contemporâneas: estudos de residualidade literária e cultural. Roberto Pontes e *et al* (Orgs.). Macapá: UNIFAP, 2019.

RAMALHO, Cristina; SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **História da epopeia brasileira: teoria, crítica e percurso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

RAMALHO, Cristina. **Poemas épicos: estratégias de leitura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2013.

_____. **Estratégia para a leitura da poesia épica**. Interdisciplinar, Itabaiana-SP, v. 21, n., p. 35-85, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/2581>. Acesso em: 28 out. 2023.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como outro**. Tradução Lucy Moreira Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

_____. **Tempo e narrativa: Tomo 1**. Tradução de Constança Mendes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

_____. **Arquitetura e narratividade**. Tradução de Gustavo Silvano Batista. Geograficidade, São Paulo, v. 11, n. especial, p. 151- 160, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/50793>. Acesso em: 20 ago. 2023

SÁ, Luis Fernando Ferreira. **Literatura e espaço épico: o caso de Paraíso Perdido**. Aletria, Minas Gerais, v.24, n.2, p. 285-294, mai./ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18605/15414>. Acesso em: 18 out. 2023.

_____. **Imaginação e literatura: o caso de O Paraíso Perdido.** Remate dos males, Campinas-SP, v.36, n.2, p. 603-624, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/58149/2/Imagina%C3%A7%C3%A3o%20e%20literatura%20o%20caso%20de%20o%20para%C3%ADso%20perdido.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2023

_____. **O jardim todo pesquisar me cumpre: um estudo sobre O Paraíso Perdido, de John Milton.** Revista do centro de estudos portugueses, v. 30, n. 44, p. 55-72, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6502/5504>. Acesso em: 29 ago. 2023.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** 2.ed. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. **O livre arbítrio.** Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **A cidade de Deus.** 2. ed. Tradução de João Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, v. 1.

_____. **A cidade de Deus.** 2. ed. Tradução de João Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, v. 2.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço.** São Paulo: Edusp, 1994.

SERVÍN, Sara Torres. **Paradise Lost: difference between adam and eve's lament on leaving paradise - a contrastive analysis.** South Korea, v. 15, n.02, p. 85-92, dez. 2013. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/273866131_Paradise_Lost_Difference_between_Adam_and_Eve's_Lament_on_Leaving_Paradise_-_A_Contrastive_Analysis. Acesso em: 28 nov. 2023.

SNIDER, Alvin. **Origin and authority in seventeenth-century England: Bacon, Milton, Butler.** Toronto: University of Toronto Press, 1994. Disponível em: <https://singlelogin.re/book/25794881/f11b7b/origin-and-authority-in-seventeenthcentury-england.html>. Acesso em: 21 nov. 2023.